

humanitas



Vol. LXIII
2011

UM JOVEM POETA NA TESSÁLIA: A *PÍTICA X* DE PÍNDARO*

LUÍSA DE NAZARÉ FERREIRA
Universidade de Coimbra, CECH
luisanazare@hotmail.com

Resumo

Propõe-se neste artigo uma análise, seguida de tradução, da *Pítica X*, que é supostamente o epinício mais antigo do *corpus* de Píndaro. Pretende-se mostrar, principalmente, que esta ode de vitória, embora possa ter sido elaborada na juventude do poeta, exhibe já as características formais e temáticas que distinguem a arte de compor do maior lírico grego.

Palavras-chave: Píndaro, epinício, mito.

Abstract

This paper proposes an analysis, along with a translation, of *Pythian X*, which has been considered the earliest epinikion of the Pindaric *corpus*. It aims to demonstrate that this victory ode, in spite of the supposed youthfulness of the author, already presents the main features and themes that distinguish the greatest Greek lyric poet's art.

Keywords: Pindar, epinikion, myth.

* Em homenagem ao Prof. Doutor José Ribeiro Ferreira, como reconhecimento grato pela amizade e pelos anos de orientação pedagógica e científica, desenvolvemos neste texto a comunicação apresentada ao colóquio internacional “Píndaro e Baquilides: o epinício e a memória da cidade”, organizado pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra em 20 de Junho de 2008. Agradecemos ao Doutor Frederico Lourenço e ao Dr. Carlos de Jesus os comentários e as sugestões que muito enriqueceram a versão final deste estudo.

Um dos aspectos que caracterizam a actuação dos poetas gregos da Época Arcaica, em especial dos cultores de lírica coral, é a mobilidade, motivada principalmente pela participação nos numerosos festivais organizados por toda a Grécia e pelos muitos convites que recebiam dos patronos. Estes eram geralmente figuras políticas, elementos da aristocracia ou tiranos, como Periandro de Corinto, Polícrates de Samos, os Pisístratos de Atenas, os chefes da Tessália e os tiranos da Magna Grécia². Sobre esta questão, a *Pítica X* de Píndaro, que contém muitos outros pontos de interesse, constitui um excelente testemunho. Foi composta em honra de Hipócleas, jovem da aristocracia tessália, vencedor na corrida de duplo estádio na categoria de rapazes (vv. 5, 9, 57), no ano de 498 a.C., de acordo com a notícia dos escólios³.

A ser correcta esta informação, trata-se da ode mais antiga do *corpus* de Píndaro, que teria então cerca de vinte anos. Notável é também o facto de ter sido encomendada por Tórax, chefe de uma das famílias reais mais importantes da Tessália, os Alévadas da cidade de Larissa, que mais tarde combateriam ao lado de Mardónio na campanha de Plateias (Hdt. 9.58). Talvez esta opção política e militar explique por que razão não nos chegaram mais composições de Píndaro dedicadas a Tessálios, que acolheram outros poetas célebres, possivelmente Anacreonte de Teos, e decerto Simónides de Ceos, bem como o seu sobrinho Baquílides⁴, sobretudo no período compreendido entre a expulsão de Hípias de Atenas, em 510 a.C., e o início das lutas contra os Persas em 490 a.C. Em 498 a.C., Simónides teria provavelmente mais de cinquenta anos. A *Pítica X* testemunha que o lírico de Tebas, com apenas vinte anos, era já suficientemente conhecido para despertar a atenção dos ricos e poderosos monarcas da Tessália⁵.

A presente ode pode ter sido até um dos primeiros epinícios que Píndaro compôs a pedido de uma figura proeminente, pois quando o poeta elogia, na última antístrofe, a hospitalidade de Tórax, agradece também,

² Vide e.g. Hdt. 1.24.1, 3.121.1; Ps. Pl. *Hipparch.* 228b-c; Arist. *Ath.* 18.1; Paus. 1.2.3.

³ Cf. Puech 1951: 141, Bowra 1964: 406, Race 1997: 5, 356.

⁴ Vide Anacr. epigr. VII *FGE* (= *AP* 6.136), epigr. XIII *FGE* (= *AP* 6.142); Simon. fr. 542 *PMG*, transmitido por Pl. *Prt.* 339a-346d; Bacch. 14. Cf. Burton 1962: 1.

⁵ Seguimos, portanto, a tradição que atribui a Simónides a cronologia de 556-468 a.C. (cf. Ferreira 2005: 97-99) e situa o tempo de vida de Píndaro entre 518 e 438 a.C.

em termos metafóricos, o incentivo que recebeu para elaborar o canto de vitória (vv. 64-66):

Tenho confiança na hospitalidade aprazível
de Tórax, aquele que zelando pela minha arte
atrelou esta quadriga das Piérides,
amando quem o ama, guiando quem de bom grado o guia.

Embora nem todos os estudiosos concordem com esta interpretação, julgamos que a metáfora “quadriga das Piérides”, inspirada no imaginário do atletismo, se refere às quatro tríades que compõem o canto de homenagem a Hipócleas⁶. Ao contrário do que poderíamos pensar, se a juventude do poeta transparece, de facto, nalguns passos, designadamente no tratamento menos elaborado das reflexões morais e na construção da secção mitológica, e sobretudo no modo vivo como é exaltado o ideário aristocrático, no seu conjunto este epinício é tão extraordinário e singular como as obras da maturidade. De facto, já estão aqui presentes muitos dos traços formais e temáticos que distinguem o modo de compor de Píndaro⁷.

Um dos que nos parece mais interessante é o recurso a uma metáfora – neste caso a metáfora da viagem – que percorre toda a arquitectura da ode e estabelece a ligação entre os diversos elementos, ou seja, as referências ao destinatário, as reflexões morais e religiosas, as considerações sobre a arte do poeta e o mito. A este recurso alia-se um outro artifício expressivo, que seria retomado noutras odes com grande elaboração, como na *Nemeia III* (vv. 1-12). Trata-se da estratégia ficcional através da qual se anuncia o epinício como uma obra ainda em construção e que está presente neste epinício desde os primeiros versos (vv. 1-6):

Feliz Lacedemónia
bem-aventurada Tessália! Reina sobre ambas a raça de um só pai,
a raça de Hércules, o melhor no combate.
Será esta exaltação inoportuna? Mas Pito
e Pelineu chamam-me,
e os filhos de Alevas, que a Hipócleas desejam
levar o canto celebrativo e honroso dos homens.

⁶ Cf. Gildersleeve 1899: 356, Puech 1951: 149, Ortega 1984: 205-206, Rueda González 2003: 134-136.

⁷ Sobre este mesmo assunto, veja-se o importante ensaio de Burton 1962: 1-14.

O canto de vitória inicia-se em tom solene e exaltado, destacando-se, além da interrogação retórica, que chama a atenção para o modo enfático como o poeta toma a palavra, a escolha dos epítetos: chamar *olbia*, ‘feliz’, à Lacedemónia, e *makaira*, ‘bem-aventurada’, à Tessália, é aproximar estas terras do domínio do divino⁸, ideia que se concretiza no momento seguinte, quando se evoca a ligação mítica que as unia, a figura de Hércules, que os Alévdas consideravam seu antepassado. Todavia, numa ode em que os valores aristocráticos estão muito presentes, a menção da Lacedemónia não pode ser alheia às afinidades políticas que aproximavam as duas regiões gregas⁹.

Os versos seguintes expõem as circunstâncias de composição do canto: o local dos jogos, a pátria e o nome do vencedor, bem como o dos comitentes, os “filhos de Alevas”¹⁰, ainda que mais adiante se dê sobretudo destaque a Tórax. A ode não esclarece, porém, que elo ligava o jovem Hipócleas à família real de Larissa.

Em especial desde a última década do séc. XX, o modo de execução dos epinícios – a solo ou por um coro – tem dividido os estudiosos de Píndaro e, se esta problemática parece estar longe de reunir consenso, é de reconhecer que continua a produzir as mais interessantes reflexões¹¹. No que respeita à *Pítica X*, as estrofes da primeira e quarta tríades dissipam qualquer dúvida e é aqui que a estratégia ficcional acima referida se torna mais evidente. Embora ao longo do canto seja sempre a voz do poeta que ouvimos, a apresentação pública está a cargo de um coro de homens da cidade de Éfira (vv. 55-58):

Espero que quando os Efireus
derramarem, junto do Peneu, a minha doce voz
Hipócleas se torne, com meus cantos, ainda mais
admirável...

⁸ Vide C. De Heer (1969), ΜΑΚΑΡ-ΕΥΔΑΙΜΩΝ-ΟΛΒΙΟΣ-ΕΥΤΥΧΗΣ. *A study of the semantic field denoting happiness in ancient Greek to the end of the 5th century B.C.* Amsterdam: Adolf M. Hakkert.

⁹ Para uma análise deste passo e de outros aspectos políticos da *Pítica X*, vide a introdução de Gentili 1998: xxviii-xxxv, 264-265.

¹⁰ Alevas, filho de Simo, descendente de Alevas, o Ruivo, que na segunda metade do séc. VI a.C. reorganizara os estados da Tessália.

¹¹ Para uma revisão desta problemática, vide o nosso estudo (2005: 89-91) e, em especial, Lourenço 2009, com referências bibliográficas.

Segundo os escólios, Éfira era o antigo nome da cidade de Crânon, onde estava estabelecida a família tessália dos Escópadas, rivais dos Alévadas. Estes versos representam uma dificuldade, porque parece estranho que um epinício encomendado por um Alévada fosse apresentado pelos súbditos de uma outra família real. No entanto, como observou Farnell (1932: 219), é bem provável que no princípio do séc. V a.C. essa rivalidade já não existisse, porque a influência política da família de Escopas, que acolhera Simónides na sua corte, havia sido muito abalada desde o célebre colapso do seu palácio¹² e a liderança política da Tessália passara entretanto para as mãos dos Alévadas¹³. Por conseguinte, apenas podemos depreender deste passo que os elementos do coro não foram recrutados na pátria do atleta, como muitas vezes acontecia. A referência ao rio Peneu (v. 56), que passava junto de Pelineu e de Larissa, não esclarece se a ode foi apresentada na cidade do laureado ou na dos Alévadas. Uma vez que Píndaro elogia a hospitalidade de Tórax, a segunda hipótese parece-nos mais plausível.

É na antístrofe da primeira tríade que o poeta dá mais atenção à vitória alcançada em Delfos. Só então se menciona a modalidade em que competira Hipócleas, a corrida de duplo estádio na categoria de *paides* (vv. 7-9), mas os escólios registam que no festival pítico de 498 a.C. o atleta triunfara também na corrida de estádio. Se esta informação é válida, o que não é consensual (cf. Gentili 1998: 263, 622-623), talvez o poeta tenha considerado que não merecia a pena referir esta vitória, porque a prova do *diaulos* era mais exigente (cf. Puech 1951: 142).

A menção do triunfo de Hipócleas sugere a primeira secção gnómica do poema, centrada na ideia de que numa vitória desportiva se combinam a ajuda dos deuses e as capacidades inatas do atleta (vv. 10-12). Como se

¹² B. Helly situou o desastre que atingiu os Escópadas em c. 515 a.C. (cf. *The Oxford Classical Dictionary*, ³2003, s.v. Crannon). A fonte grega mais antiga sobre o colapso do palácio de Escopas é um fragmento dos *Aetia* de Calímaco (fr. 64.11-14 Pfeiffer). Deve-se a Cícero (*de Orat.* 2.86.351-353) e a Quintiliano (*Inst.* 11.2.11-16) a difusão desse trágico acontecimento, cuja historicidade não tem sido unanimemente aceite. Cf. W. J. Slater (1972), “Simonides’ house”, *Phoenix* 26.3: 232-240.

¹³ A designação de Efireus também tem sido entendida como uma referência geral aos Tessálios (cf. Gentili 1998: xxix, n. 2). Sobre a organização política da Tessália, vide M. Sordi (1958), *La lega tessala fino ad Alessandro Magno*. Roma: Istituto Italiano per la Storia Antica; B. Helly (1995), *L’État thessalien. Alevas le Roux, les tétrades et les tagoi*. Lyon: Maison de l’Orient méditerranéen.

sabe, este pensamento será muitas vezes retomado nas odes de maturidade¹⁴, permitindo a transição para um tópico assíduo e que era também uma convenção do epinício. De facto, os versos seguintes celebram os sucessos alcançados pelos antepassados do vencedor, neste caso o seu pai, Frícias, especialista na difícil prova de corrida com armas (vv. 13-16). As referências ao laureado e ao progenitor vão sendo articuladas com outras ideias habituais nas odes de vitória e fundamentais para o homem grego da Época Arcaica. Se o poeta faz votos de que o futuro reserve ainda mais sucesso e riqueza (vv. 17-18), não deixa de lembrar que a fortuna dos homens pode despertar a inveja divina (vv. 19-22)¹⁵. Logo a seguir, volta a louvar as capacidades atléticas e a grandeza de Frícias, que em vida ainda conseguiu assistir à coroação pítica do seu jovem filho (vv. 22-26). Com esta observação, o poeta conclui o elogio mais directo do laureado, mas, como acontece com frequência nos cantos de vitória, as reflexões que ocupam os restantes versos da segunda antístrofe constituem já a transição para o mito. É que, apesar da excelência dos mortais, há missões impossíveis para a raça humana. Nas palavras de Píndaro (vv. 27-30):

O brônzeo céu jamais o poderá escalar,
 mas quantas glórias a nossa raça mortal
 obtém, ele cumpre até ao fim a mais longínqua
 travessia. E nem indo de barco nem a pé encontrarias
 o caminho maravilhoso para a assembleia dos Hiperbóreos.

O poeta retomará muitas vezes esta ideia de que há limites para as conquistas humanas, mas, dentro destes limites, o homem deve procurar ir o mais longe possível, até às “Colunas de Hércules”, como dirá noutros epinícios (e.g. *Ol.* 3.43-44, *Nem.* 3.19-21). No entanto, a metáfora da viagem como símbolo da máxima realização pessoal tem também outra função, pois fornece o tema de partida da secção mitológica, que ocupará a parte central da ode: encontrar o caminho maravilhoso para o reino dos Hiperbóreos, onde Apolo passava os meses de Inverno, não era acessível a nenhum mortal. Assim, nos versos que se seguem o poeta desenvolve o tema da visita de Perseu àquele reino lendário, no seu percurso em busca

¹⁴ Vide e.g. Pind. *Ol.* 2.86, 9.100, 13.13, *Nem.* 3.40-42.

¹⁵ Observa Puech 1951: 143 que nas odes de maturidade o poeta evitará a expressão desta doutrina de uma forma tão explícita.

das Górgones. Apenas um ser excepcional, neste caso um semideus, filho de Zeus e de Dânae, que beneficia da ajuda das divindades (v. 45), seria capaz de empreender tal viagem¹⁶.

Como já dissemos, cremos que um dos aspectos que poderíamos atribuir a uma certa inexperiência é o tratamento do mito. A este respeito, os escoliastas foram bastante severos, considerando-o irrelevante para o tema da ode (cf. Puech 1951: 143).

É evidente que o espaço ocupado pelo mito na *Pítica X*, dezoito em setenta e dois versos, é muito inferior ao das referências à vitória e sentenças, que surgem agrupadas antes e depois daquela secção. Ou seja, a organização estrutural desta ode é linear e muito mais fácil de apreender do que a de muitas outras composições posteriores. Todavia, parece-nos que a irrelevância temática apontada pelos críticos antigos é apenas aparente. Do mesmo modo, a elaboração formal desta secção não pode ser considerada incipiente. De facto, o mito é introduzido pela referência à viagem a um país longínquo e é desenvolvido através de dois temas: a hospitalidade dos Hiperbóreos e a veneração que dedicam a Apolo, o deus de Delfos, onde Hipócleas triunfou. As duas ideias ocupam todo o epodo da segunda tríade (vv. 31-36). Os versos seguinte, nos quais o poeta descreve o modo de vida dos Hiperbóreos, constituem um dos momentos mais interessantes da *Pítica X* (vv. 37-44):

A Musa não está ausente
dos costumes deles: por todo o lado, coros de donzelas;
vibram os sons das liras e os estrépitos das flautas;
de cabelos cingidos de áureo louro

festejam alegremente.

Nem as doenças nem a velhice funesta se misturam
com a sagrada raça, mas sem penas nem combates

aí moram e escapam
à severa Némesis.

¹⁶ Vale a pena recordar que Píndaro é uma das fontes principais sobre o mito de Perseu (cf. Rocco 1994: 332) e a única sobre o episódio mitológico da passagem do herói pelo reino dos Hiperbóreos. Na *Olímpica III*, composta em 476 a.C. para Terão de Agrigento, o poeta tratará a visita dos Hiperbóreos por Hércules (vv. 16 sqq.). Cf. Farnell 1932: 217, Puech 1951: 148 n. 2.

O quadro que o poeta compõe do modo de vida dos Hiperbóreos é uma utopia: num espaço situado no Extremo Norte, apenas acessível a heróis como Perseu ou Hércules (cf. *Ol.* 3.16 sqq.), o povo que anualmente acolhe Apolo aprecia os dons das Musas, vive em paz e justiça, conhece a felicidade plena. No passo seguinte, o processo de composição em anel permite regressar à figura de Perseu. Em traços muito breves, evoca-se o maior feito do filho de Dânae, a degolação de Medusa, a única mortal das Górgones¹⁷: “Com um coração a respirar audácia” (v. 44), “Matou/ a Górgone e, trazendo a cabeça adornada/ com madeixas de serpentes, aos ilhéus/ levou a morte petrífica.” (vv. 46-48). Alude-se, assim, de forma elíptica ao desenlace da lenda: Perseu chega à ilha de Serifos e, usando a cabeça de Medusa como arma de ataque, consegue resgatar a mãe da violência de Polidectes (cf. *Pyth.* 12.11-18).

A digressão mitológica encerra com uma sentença que transita, através do processo de *enjambement*, da antístrofe para o epodo: “Para mim, uma maravilha,/ se for obra de deuses, jamais me parece/ inacreditável.” (vv. 48-50). Todos os actos extraordinários são credíveis se houver neles a intervenção divina (cf. e.g. *Ol.* 1.30-32). A reflexão é geral e aplica-se não apenas ao sucesso de Perseu, mas também ao de Hipócleas. Retoma-se, portanto, uma das ideias principais do poema: os grandes feitos só são possíveis com a ajuda da divindade. Todavia, não nos parece que a função do mito se esgote neste paralelo entre o acto heróico de Perseu e o triunfo de Hipócleas no estádio de Delfos. O mito sugere também uma comparação, decerto mais subtil, entre os lendários Hiperbóreos, que um dia acolheram o filho de Zeus, e os aristocratas tessálios, que neste momento recebem o jovem lírico de Tebas: não é só a veneração a Apolo e a distância geográfica que os aproxima, pois conhecem igualmente o valor da hospitalidade e os dons das Musas (v. 64). Esta interpretação apoia-se também no léxico do poema: os Hiperbóreos são *andres makares*, “homens bem-aventurados” (v. 46), mas sabemos, desde o início do canto, que a Tessália é também, pelo menos no dizer de Píndaro, *makaira*, uma terra “bem-aventurada” (v. 2)¹⁸.

¹⁷ Na arte grega, as cenas alusivas à degolação de Medusa por Perseu estão atestadas desde o segundo quartel do séc. VII a.C. Cf. Roccas 1994: 339-340, 345.

¹⁸ Para um exame desta associação entre o reino dos Hiperbóreos e a Tessália, vide Brown 1992. Nas palavras de Gildersleeve (1899: 350), “The land of the Hyperboreans is a glorified Thessaly”. Sobre a função e integração do mito na

São estas conexões formais e temáticas que nos levam a pensar que a secção mitológica não é assim tão irrelevante como possa parecer. Esta forma subtil de transmitir uma mensagem, neste caso política, pois é o modo de vida aristocrático que aqui se elogia, é um dos traços de génio de Píndaro.

Na transição do mito para o terceiro momento da ode, as imagens inspiradas na vida marítima e na natureza anunciam uma mudança no poema (vv. 51-54):

Depõe o remo, depressa, da proa lança por terra
a âncora, defesa de escolhos pétreos,
pois o mais fino dos hinos de louvor
lança-se, como a abelha, de um tema para outro.

A variedade do canto é um tema caro aos cultores de lírica coral, ainda que por vezes seja necessário travar a imaginação do poeta. Este processo de encerrar a digressão mitológica através de uma reflexão sobre a arte poética e as normas do epinício será desenvolvido noutras odes (cf. e.g. *Nem.* 3.26-32). Destaque-se, neste caso, que Píndaro retoma a concepção do canto de vitória como uma viagem em curso (cf. vv. 4-6), mas evoca de repente uma imagem familiar na lírica coral, pela qual se compara o labor do poeta com o da abelha¹⁹.

O jovem compositor que faz ouvir a sua voz na *Pítica X* tem consciência do valor da sua arte. No passo seguinte, já citado, exprime o desejo de que, graças à sua “doce voz”, Hipócleas se torne ainda mais “digno de ser admirado” (*thaeton*, v. 58) pelo troféu conquistado em Delfos²⁰. Assim se entra na última tríade do canto de vitória, na qual as referências elogiosas ao laureado e ao comitente serão alternadas com reflexões sobre a diversidade dos gostos humanos (vv. 59-60), a impossibilidade de prever o que

presente ode, cf. Puech 1951: 143-144, Burton 1962: 7-9, Suárez de la Torre 1988: 226 n. 8, Gentili 1998: xxx-xxv, 265-268, 630-640, esp.

¹⁹ Vide e.g. Pind. fr. 152 Maehler, Bacch. 10.10; cf. Simon. fr. 593 *PMG*. Sobre a imagem da abelha em Píndaro, vide Suárez de la Torre 1988: 227 n. 11, Rueda González 2003: 128-129.

²⁰ Vide Miller 1991 para uma interpretação diversa dos vv. 55 sqq., segundo a qual Píndaro não se refere neste passo à vitória que está a ser comemorada, mas às que o jovem atleta possa vir a conseguir mais tarde, e que o poeta espera também celebrar.

o futuro nos reserva (v. 63) e a qualidade do pensamento justo (vv. 67-68). A terminar o seu canto, Píndaro recorda os irmãos de Tórax, Eurípilo e Trasideu (cf. Hdt. 9.58), e elogia mais uma vez a organização política do estado tessálio (vv. 69-72).

Em conclusão, a organização estrutural e a linguagem da *Pítica X* revelam-se, de facto, mais simples do que as de outras odes que conhecemos de Píndaro. No entanto, tentámos mostrar com esta breve análise que o jovem poeta dominava já as normas do epinício. Cremos mesmo que a articulação dos diferentes elementos característicos dos seus cantos de vitória é exemplar. Por conseguinte, a *Pítica X* pode ser um excelente ponto de partida para o estudo do epinício do grande lírico de Tebas.

Píndaro, *Pítica X*²¹

Para Hipócleas da Tessália, vencedor no duplo estádio, categoria de rapazes, 498 a.C.

estrofe

Feliz Lacedemónia,
bem-aventurada Tessália! Reina sobre ambas a raça de um só pai,
a raça de Hércules, o melhor no combate.
Será esta exaltação inoportuna? Mas Pito
e Pelineu chamam-me,
5 e os filhos de Alevas, que a Hipócleas desejam
levar o canto celebrativo e honroso dos homens.

antístrofe

Pois conhece o sabor dos prémios
e perante a hoste de vizinhos o vale do Parnaso
proclamou-o o mais excelso dos rapazes na corrida de duplo estádio.
10 Apolo, para os homens, a doçura do fim e do princípio
cresce quando um deus dá o estímulo.
Ele, decerto, alcançou este feito graças aos teus desígnios,
mas no talento inato segue as pisadas do pai,

²¹ A edição crítica de base da nossa tradução é a estabelecida por Snell & Maehler 1987.

epodo

- que em Olímpia venceu duas vezes nas belicosas
armas de Ares.
- 15 E nos prados profundos, sob os rochedos de Cirra,
o concurso fez também de Frícias o mais forte na corrida.
Que o destino os acompanhe e nos vindouros
dias a nobre riqueza floresça para eles.

estrofe

- Não tendo sido pequena a porção de deleites
20 que na Hélade receberam, oxalá não lhes enviem os deuses
infortúnios invejosos. Que o deus tenha
o coração isento de penas. Ditoso e digno
de ser cantado pelos poetas é este homem
que, tendo vencido com as mãos ou a excelência de pés,
os prêmios maiores conquista com coragem e força

antístrofe

- 25 e em vida ainda vê o jovem
filho alcançar as merecidas coroas píticas.
O brônzeo céu jamais o poderá escalar,
mas quantas glórias a nossa raça mortal
obté, ele cumpre até ao fim a mais longínqua
travessia. E nem indo de barco nem a pé encontrarias
30 o caminho maravilhoso para a assembleia dos Hiperbóreos.

epodo

- Junto deles foi outrora comensal Perseu, condutor de povos,
quando, ao penetrar em suas mansões,
os encontrou a sacrificar ao deus gloriosas hecatombes
de burros. Com seus festins e louvores
35 sempre se alegra muito Apolo
e sorri ao ver a insolência lúbrica das bestas.

estrofe

A Musa não está ausente
 dos costumes deles: por todo o lado, coros de donzelas;
 vibram os sons das liras e os estrépitos das flautas;
 40 de cabelos cingidos de áureo louro
 festejam alegremente.
 Nem as doenças nem a velhice funesta se misturam
 com a sagrada raça, mas sem penas nem combates

antístrofe

aí moram e escapam
 à severa Némesis. Com um coração a respirar audácia,
 45 chegou um dia o filho de Dânae – conduzia-o Atena –
 junto do povo de homens bem-aventurados. Matou
 a Górgone e, trazendo a cabeça adornada
 com madeixas de serpentes, aos ilhéus
 levou a morte pretífica. Para mim, uma maravilha,

epodo

se for obra de deuses, jamais me parece
 50 inacreditável.
 Depõe o remo, depressa, da proa lança por terra
 a âncora, defesa de escolhos pétreos,
 pois o mais fino dos hinos de louvor
 lança-se, como a abelha, de um tema para outro.

estrofe

55 Espero que quando os Efireus
 derramarem, junto do Peneu, a minha doce voz
 Hipócleas se torne, com meus cantos, ainda mais
 admirável, pelas suas coroas, entre
 os da sua idade e os mais velhos,
 e desperte os cuidados de jovens donzelas. É que
 60 as paixões por várias coisas inflamam as várias mentes.

antístrofe

O que cada um deseja,
 se o encontrou, que agarre no momento o que o seu pensamento anseia,
 mas não há indícios para prever o que acontecerá num ano.
 Tenho confiança na hospitalidade aprazível
 de Tórax, aquele que zelando pela minha arte
 65 atrelou esta quadriga das Piérides,
 amando quem o ama, guiando quem de bom grado o guia.

epodo

Para quem fizer a prova, não só o ouro se distingue na pedra-de-toque,
 como também o juízo recto.
 Temos de louvar ainda os seus nobres irmãos, porque
 70 elevam e fazem prosperar a lei
 dos Tessálios. Nas mãos de homens bons repousa
 o governo das cidades, herança paterna e diligente.

Edições, traduções e comentários

- FARNELL, L. R. (1932, reimpr. 1965), *Critical Commentary to the Works of Pindar*. Amsterdam: Adolf M. Hakkert.
- GENTILI, B. et alii (1998, 2ª ed.), *Pindaro. Le Pitiche*. Introduzione, testo critico e traduzione di B. Gentili. Commento a cura di P. A. Bernardini, E. Cingano, B. Gentili e P. Giannini. Milano: Arnoldo Mondadori Editore.
- GILDERSLEEVE, B. L. (1899, reimpr. 1979), *Pindar. The Olympian and Pythian Odes*. New York: Arno Press.
- MAEHLER, H. (1989), *Pindari Carmina cum Fragmentis. Pars II: Fragmenta, Indices*. Leipzig: Teubner.
- ORTEGA, A. (1984, reimpr. 1995), *Píndaro. Odas y Fragmentos*. Madrid: Editorial Gredos.
- PAGE, D. L. (1962), *Poetae Melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press. [PMG]
- PAGE, D. L. (1981), *Further Greek Epigrams*. Revised and prepared for publication by R. D. Dawe and J. Diggle. Cambridge: University Press. [FGE]

- PUECH, A. (1951, 2ª ed. rev.), *Pindare II. Pythiques*. Paris: Les Belles Lettres.
- RACE, W. H. (1997), *Pindar I. Olympian Odes, Pythian Odes*. Cambridge, Mass. and London: Harvard University Press.
- SNELL, B. & Maehler, H. (1987, 8ª ed.), *Pindari Carmina cum Fragmentis. Pars I: Epinicia*. Leipzig: Teubner.
- SUÁREZ DE LA TORRE, E. (1988), *Píndaro. Obra completa*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Estudos

- BARKHUIZEN, J. H. (1969), “Une note sur Pindare, Pyth. X, 28-31”, *Acta Classica* 12: 169-170.
- BOWRA, C. M. (1964), *Pindar*. Oxford: Clarendon Press.
- BROWN, C. (1992), “The Hyperboreans and Nemesis in Pindar’s *Tenth Pythian*”, *Phoenix* 46.2: 95-107.
- BURTON, R. W. B. (1962), *Pindar’s Pythian Odes. Essays in Interpretation*. Oxford: University Press.
- FERREIRA, L. N. (2005), *Mobilidade poética na Grécia antiga. Uma leitura da obra de Simónides*. Coimbra: FLUC. Diss. doutoramento (polic.).
- LOURENÇO, F. (2009), “Lírica coral e monódica: uma problemática revisitada”, *Humanitas* 61: 19-29.
- MILLER, A. M. (1991), “A Wish for Olympian Victory in Pindar’s *Tenth Pythian*”, *AJPh* 112: 161-172.
- ROCCOS, L. J. (1994), “Perseus”, in *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. VII.1. Zürich und München: Artemis Verlag, 332-348.
- RUEDA GONZÁLEZ, C. (2003), “Imágenes del quehacer poético en los poemas de Píndaro y Baquílides”, *CFC(G)* 13: 115-163.